
GILARDI

AS MULHERES DONAS DA BIC

Eu tinha chegado à entrada do café onde o encontro deveria acontecer.

Estava tremendo, mas não de medo. Era o tipo de tremor que faz uma pergunta simples: estou fazendo a coisa certa ou finalmente passei do limite?

Havia também outra pergunta: o que eu ganho com esta operação? Que objetivos escondi de mim mesmo tão fundo que nem eu consigo mais reconhecê-los?

Enfiei a mão numa rosa exposta, arranquei três pétalas e as usei para perfumar o rosto. A loção pós-barba não estava incluída no orçamento da viagem, mas eu não queria chegar levando só o cheiro de homem.

Eu estava na pátria de Georges, filho da L’Oréal, e aquela empresa tinha me ensinado muitas coisas.

Coloquei a música do meu site para tocar como trilha de fundo. Por acaso, a canção que começou era a mesma que meu pai e meu avô costumavam tocar juntos: bandolim e violão. Eles estavam comigo. Entramos os três juntos.

Chanel me viu de longe e veio até mim com um abraço caloroso, como se fôssemos velhos amigos se reencontrando depois de muitos anos. Alta. Loira. Olhos azuis. Cabelo preso com capricho. Uma presença de tirar o fôlego embrulhada num vestido azul-marinho. Por um instante quase tive vontade de perguntar a ela onde eu acharia uma igreja para me casar com ela na mesma hora.

Ela me conduziu até a mesa. Seis mulheres esperavam. A reunião estava para começar, e eu já sabia que nunca haveria confronto. Eu sofria de um defeito congênito: sabia perder ganhando.

Apresentei-me a cada mulher, sem tentar identificar a mais importante da mesa. Isso eu descobri naturalmente, uns dez segundos depois.

A primeira mulher revelou nome e sobrenome e, no mais perfeito estilo homem Gillette, beijei-lhe a mão. Depois fiz o mesmo com todas as outras mulheres da mesa, oferecendo a cada uma um sorriso e um: “Enchanté.” Made in Calabria.

Só depois disse meu próprio nome, sem dúvida nenhuma de que todas elas já sabiam quem eu era.

Perguntaram o que eu gostaria de beber, se queria tomar café da manhã, talvez um docinho. Expliquei que o pessoal do meu hotel de sempre jamais me deixaria sair de manhã sem antes ter presenciado um café da manhã de respeito. Todas caíram na risada.

Depois perguntaram se aquela era a minha primeira visita a Paris. Contei que, anos antes, eu tinha trabalhado às margens do Sena, nos jardins à beira do rio, colhendo flores e entregando-as frescas, toda manhã, na Catedral de Notre-Dame. Fazia isso enquanto esperava que Nossa Senhora me concedesse uma graça e arranjasse exatamente este encontro com as seis. Eu nunca tinha duvidado. Afinal, era promessa de mulher.

Elas sorriram. O clima se suavizou. A empatia entrou na conversa.

Então uma delas perguntou: “Senhor Frega, do que o senhor mais gosta na França?”

“Que pergunta é essa?”, respondi. “A resposta é óbvia.”

BIC.

A conversa tomou imediatamente um rumo agradável.

Pouco depois decidimos continuar no almoço e caminhamos uns cem metros pela Champs-Élysées. Durante todo o trajeto, porém, fiquei notando os mesmos três ou cinco homens nos observando de longe. Eu os tinha notado desde o primeiro momento. E eles tinham me notado. Eram da segurança. Nunca perto demais. Nunca longe demais.

Entramos num restaurante francês. O típico restaurante francês onde você não come quase nada e paga uma pequena fortuna.

Chamei Chanel. Ela veio imediatamente até mim.

“O que aconteceu?”

“Vamos embora.”

“Embora?”

“Sim. Vou levar todas vocês para comer em outro lugar.”

Por um minuto inteiro elas ficaram paralisadas. O convidado conduzindo a dança não era coisa que estivessem acostumadas a ver. Mas minha proposta era tão convincente que todas me seguiram. Como galinhas andando atrás de um galo. Afinal de contas, estávamos na terra do galo.

Chegamos à primeira pizzaria e lanchonete que encontramos. Antes de entrar, fui até o dono.

“Quero sete sanduíches, a cinco euros cada, com bebida incluída.”

“E quem paga sou eu.”

O acordo estava feito. E a boa impressão também.

Entramos. Elas pareciam completamente desnorteadas, como se cavalgassem nas asas de cavalos voadores, sem conseguir entender exatamente o que estava acontecendo.

Estavam dentro da GILLETTENARRATIVE. E nenhuma delas sabia ainda.

Ferdinando